



GREVE DE MASSAS, PARTIDO E SINDICATOS (1906)

No fim de dezembro de 1905, Rosa Luxemburgo, na época jornalista do *Vorwärts* (órgão central do SPD) e também membro da direção do Partido Social-Democrata da Polônia e Lituânia (SDKPiL), parte para Varsóvia a fim de acompanhar de perto a revolução russa, que havia começado em janeiro desse ano (Varsóvia e uma parte da Polônia integravam o Império russo). Em março é presa com seu companheiro Leo Jogiches. Ameaçada de execução, é libertada no fim de junho graças a uma fiança paga pelo SPD. Obrigada pelas autoridades tsaristas a fixar residência em Kuokkala, pequena cidade finlandesa perto de São Petersburgo, onde encontra os principais revolucionários russos, Lenin entre eles, Rosa redige *Greve de massas, partido e sindicatos*, texto que marca o início da ruptura com a direção da social-democracia alemã.

Que este seja um de seus escritos mais conhecidos e mais reeditados, não é por acaso. É aqui que ao analisar um processo político concreto, a revolução de 1905 na Rússia, Rosa dá sua contribuição original à teoria marxista. Ao fazer o balanço da revolução russa (tirando lições para o movimento operário em geral e para a social-democracia alemã em particular), ela mostra que na greve de massas o momento subjetivo, a consciência de classe, se articula com o momento objetivo da história, com





as tendências do desenvolvimento capitalista. A greve de massas seria a perfeita tradução da dialética entre organização e espontaneidade, política e economia, ficando o elemento criativo do lado da espontaneidade das massas. A experiência revolucionária direta fortaleceu nela a convicção de que as grandes transformações históricas não são fabricadas pelas organizações políticas – ainda que estas tenham um papel relevante a desempenhar – e de que a consciência de classe é antes criada na ação que produzida pela leitura de obras teóricas marxistas, ou de panfletos revolucionários.

Não só *Greve de massas, partido e sindicatos*, como também os artigos poloneses dessa época expõem claramente a convicção de Rosa Luxemburgo de que a revolução só pode ser obra das próprias massas, nunca de grupos armados, nem de vanguardas intelectuais que se põem no lugar das massas. Contra todos os que querem “organizar” uma revolução, é evidente para ela que a “fabricação da revolução” (*Revolutionsmacherei*) leva à substituição das massas, não só no decorrer da revolução, mas também depois.

Essa ideia, que representa uma parte importante de sua filosofia política, também a encontramos em trabalhos posteriores, entre outros, *A Revolução Russa*.¹¹

Ao voltar para Berlim em setembro de 1906, Rosa passa a divulgar incansavelmente sua concepção de greve de massas, procurando ao mesmo tempo dar

¹¹ Feliks Tych, “Die Revolution von 1905-1907 – Zur Entwicklung der politischen Philosophie Rosa Luxemburgs”, 1995. In: T. Bergmann/J. Rojahn/F. Weber (org.), *Die Freiheit der Andersdenkenden – Rosa Luxemburg und das Problem der Demokratie*, Hamburgo, VSA, 1995, p. 85.





novo conteúdo ao papel que desempenha no SPD: não ser apenas crítica, mas também direção intelectual e política de uma esquerda revolucionária. É quando começa a tomar corpo a formação de uma ala esquerda independente, em divergência com o centro do partido, para o qual o marxismo era apenas a ideologia legitimadora do reformismo. Em setembro participa do Congresso do SPD em Mannheim, onde suas ideias sobre a greve de massas são rejeitadas. A partir dessa época, Rosa passa a ser vista como demasiado radical pela maioria do partido, cada vez mais afeito às ideias reformistas, e a ter cada vez mais dificuldade para publicar seus artigos nos jornais do SPD.

Apesar desse isolamento político, ela é convidada, à guisa de compensação, a lecionar economia política e história econômica na escola de quadros do SPD, um cargo bem remunerado que ocupa, com algumas interrupções, até 1914. A partir desses cursos, escreve *Introdução à economia política* (publicada postumamente em 1925) e sua obra teórica mais importante, *A acumulação do capital* (publicada em 1913).

Greve de massas, partido e sindicatos tem 8 capítulos; começamos com excertos do capítulo 2.

2

[...] A revolução russa ensina-nos assim uma coisa: é que a greve de massas nem é “fabricada” artificialmente nem “decidida” ou “difundida” no éter imaterial e abstrato, é tão somente um fenômeno histórico resultante, num certo momento, de uma situação social a partir de uma necessidade histórica. [...]





É tão difícil “propagar” a greve de massas como meio abstrato de luta, como “propagar” a revolução. A “revolução” e a “greve de massas” são conceitos que não representam mais do que a forma exterior da luta de classes e só têm sentido e conteúdo quando referidas a situações políticas bem determinadas.

Empreender uma propaganda adequada à greve como forma de ação proletária, querer difundir essa “ideia” para com ela ganhar pouco a pouco a classe operária seria uma ocupação tão ociosa, tão vã e insípida como encetar uma campanha de propaganda em prol da ideia de revolução ou do combate nas barricadas. Se a greve se transformou agora num vivo centro de interesse para a classe operária alemã e internacional é porque ela representa uma nova forma de luta e, como tal, o sintoma correto de transformações interiores profundas nas relações entre as classes e nas condições da luta de classes. [...]

3

[...] as greves de massas se apresentam na Rússia sob formas tão variadas que é absolutamente impossível falar de “a” greve de massas, de uma greve esquemática, abstrata. Não só cada elemento da greve de massas, mas também a sua particular característica, segundo as cidades e as regiões, e principalmente o seu próprio caráter geral, se modificaram com frequência no decorrer da revolução. As greves conheceram na Rússia uma certa evolução histórica que ainda continua. Assim, quem queira falar de greve de massas na Rússia deve, antes de tudo, ter a sua história diante dos olhos. [...]

Desde a primavera de 1905 até o pleno verão, assistiu-se, nesse gigantesco Império, ao nascimento de uma poderosa luta econômica de todo o proletariado contra o capital; a agitação alcança, no topo, as profissões liberais e a pequena burguesia, empregados comerciais, bancários, engenheiros, atores, artistas, e penetra na base, conquistando os empregados domésticos, os agentes





subalternos da polícia, e até as camadas do lumpemproletariado, estendendo-se simultaneamente aos campos, batendo mesmo à porta dos quartéis.

Eis o painel imenso e variado da batalha geral do trabalho contra o capital; vemos refletir-se nele toda a complexidade do organismo social, da consciência política de cada categoria e de cada região; vemos desenvolver-se toda uma gama de conflitos, desde luta sindical, conduzida em boa e devida forma pelo bem treinado exército de elite do proletariado industrial, até a explosão de uma revolta anarquista de um punhado de operários agrícolas e ao levantamento confuso de uma guarnição militar, até a revolta discreta e distinta, de punhos de renda e colarinhos altos numa mesa de jogo, e aos protestos, tímidos e audaciosos, de policiais descontentes, secretamente reunidos num posto enfumaçado, escuro e sujo.

Os partidários das “batalhas ordenadas e disciplinadas” concebidas segundo um plano e um esquema, os que em particular querem sempre saber com antecedência como “será preciso fazer”, consideram que foi um “grave erro” retalhar a grande ação da greve política geral de janeiro de 1905 numa infinidade de lutas econômicas, visto que isso conduziu, a seus olhos, a uma “paralisação” da ação e à sua transformação num “fogo de palha”. O próprio partido social-democrata russo que sem dúvida participou da revolução, mas não a “faz”, e é obrigado a aprender as leis da revolução ao longo do desenvolvimento da própria revolução, se encontrou desorientado por algum tempo com o refluxo aparentemente estéril da primeira maré de greves gerais. Contudo, a história, que cometera esse “grande erro”, concluía assim um gigantesco trabalho revolucionário tão inevitável quanto incalculável nas suas consequências, sem se preocupar com as lições dos que a si mesmos se instituíram como mestres.

A brusca sublevação geral do proletariado em janeiro, desencadeada pelos acontecimentos de S. Petersburgo, era, na sua





ação exterior, um ato político revolucionário, uma declaração de guerra ao absolutismo. Mas essa primeira luta geral e direta de classes provocou uma reação mais poderosa que a anterior, ao acordar, pela primeira vez, como um choque elétrico, o sentimento e a consciência de classe em milhões e milhões de homens. Esse despertar da consciência de classe imediatamente se manifesta do seguinte modo: uma multidão de milhões de proletários descobre de súbito, com um sentimento de acuidade insuportável, o caráter intolerável da sua existência social e econômica, do qual era escravo há decênios, sob o jugo do capitalismo. De repente, desencadeia-se uma sublevação geral e espontânea para sacudir esse jugo, para quebrar as algemas. Sob mil aspectos, os sofrimentos do proletariado moderno reavivam a recordação dessas feridas sempre sangrentas.

[...] tudo isso é bruscamente despertado pelo relâmpago de janeiro, lembra-se de seus direitos e procura febrilmente recuperar o tempo perdido. Na realidade, a luta econômica não constituía uma fragmentação, uma dispersão da ação, mas uma mudança de frente; a primeira batalha contra o absolutismo transforma-se rápida e naturalmente num ajuste de contas geral com o capitalismo, que, de acordo com sua natureza, assume a *forma* de conflitos parciais em favor dos salários. É falso dizer-se que a ação política de classe em janeiro foi destruída porque a greve geral se fragmentou em greves econômicas. É exatamente o contrário: uma vez esgotado o conteúdo possível da ação política, feito o balanço da situação e da fase em que a revolução se encontrava, esta fragmentou-se, ou antes, transformou-se em ação econômica.

De fato, que mais podia obter a greve geral de janeiro? É preciso ser inconsciente para esperar, de uma só vez, o esmagamento do absolutismo com uma só greve geral “prolongada”, segundo o modelo anarquista. É pelo proletariado que o absolutismo na Rússia tem de ser derrubado. Mas para tanto, o proletariado tem necessidade de um alto grau de educação política, de consciência





de classe e organização. Não pode aprender todas essas coisas em brochuras ou em panfletos; tal educação ele a adquirirá na escola política viva, na luta e pela luta, no decorrer da revolução em marcha. Aliás, o absolutismo não pode ser derrubado, seja quando for, com a exclusiva ajuda de uma dose suficiente de “esforços” e “perseverança”. A queda do absolutismo não é mais que um sinal exterior da evolução interior das classes na sociedade russa. [...]

O resultado mais precioso, porque permanente, nesse brusco fluxo e refluxo da revolução é seu *peso intelectual*: o crescimento intermitente do proletariado no plano intelectual e cultural é uma garantia absoluta do seu irresistível progresso futuro, tanto na luta econômica, quanto na luta política. Mas não é tudo: as próprias relações entre operários e patrões sofrem transformações; após a greve geral de janeiro e as greves seguintes de 1905, o princípio do capitalista senhor em sua casa é praticamente suprimido. Vimos constituir-se espontaneamente comitês operários, únicas instâncias que negociam com o patrão, nas maiores fábricas de todos os centros industriais mais importantes. E, por fim, algo mais: as greves aparentemente caóticas e a ação revolucionária “desorganizada” que sucederam à greve geral de janeiro transformam-se no ponto de partida de um febril *trabalho de organização*. A história ri dos burocratas apaixonados por esquemas “pré-fabricados”, guardiões ciumentos da felicidade dos sindicatos. As sólidas organizações concebidas como fortalezas inexpugnáveis e cuja existência tem de ser assegurada, antes de eventualmente se pensar na realização de uma hipotética greve de massas na Alemanha, são, ao contrário, fruto da própria greve de massas. E enquanto os ciumentos guardiões dos sindicatos alemães temem, antes de tudo, ver quebrar em mil pedaços essas organizações, como uma preciosa porcelana no meio do turbilhão revolucionário, a revolução russa apresenta-nos um quadro completamente diferente: o que emerge dos turbilhões e da tempestade, das chamas e das brasas das greves de massas,





como Afrodite surgindo da espuma dos mares, são... sindicatos novos e jovens, vigorosos e ardentes.

4

[...] A greve de massas, tal como nos é apresentada pela revolução russa, é um fenômeno tão móvel que reflete em si todas as fases da luta política e econômica, todos os estágios e todos os momentos da revolução. O seu campo de aplicação, a sua força de ação, os fatores do seu desencadeamento transformam-se continuamente. Ela abre repentinamente novas perspectivas à revolução no momento em que esta parecia atravessar um impasse e falha no momento em que se pensa poder contar seguramente com ela. Ora a vaga do movimento invade todo o Império, ora se divide em uma rede gigantesca de pequenas correntes; ora brota do solo como uma fonte viva, ora se perde na terra. Greves econômicas e políticas, greves de massa, e greves parciais, greves de protesto ou de combate, greves gerais abrangendo setores particulares, ou cidades inteiras, lutas reivindicativas pacíficas ou batalhas de rua, combates de barricadas – todas essas formas de luta se cruzam ou se tocam, se interpenetram ou desaguam umas nas outras: é um mar de fenômenos eternamente novos e flutuantes. E a lei do movimento desses fenômenos surge claramente: não reside na própria greve de massas, nas suas particularidades técnicas, mas na relação entre as forças políticas e sociais da revolução. A greve de massas é tão somente a forma adquirida pela luta revolucionária e qualquer deslocamento na correlação das forças em luta, no desenvolvimento do partido e na divisão das classes, na posição da contrarrevolução, influi imediatamente sobre a ação da greve por meio de inúmeros caminhos invisíveis e incontroláveis. Entretanto, a própria ação da greve de massas não para um só instante. Adquire somente outras formas, modifica a sua extensão, os seus efeitos. Ela é a pulsação viva da revolução e ao mesmo tempo o seu motor mais poderoso. Em resumo: a greve de massas, como nos mostra a revolução russa,





não é um meio engenhoso inventado para reforçar o efeito da luta proletária, mas é *o próprio movimento da massa proletária, a forma de manifestação da luta proletária na revolução.*

Partindo daí, podemos deduzir alguns pontos de vista gerais que permitem julgar o problema da greve de massas.

1. É absolutamente falso imaginar a greve de massas como ação isolada. A greve de massas é antes um termo que designa globalmente todo um período da luta de classes que se estende por vários anos, às vezes por décadas. Se considerarmos as inúmeras e diferentes greves de massa que ocorreram na Rússia há quatro anos, uma única variante, e esta de importância secundária, corresponde à definição de greve de massas como ato único e breve de características puramente políticas, desencadeado e suspenso arbitrariamente segundo um plano pré-concebido: trata-se da simples greve de protesto. Ao longo de um período de cinco anos, vemos na Rússia só algumas greves de protesto, em pequeno número e, fato notável, ordinariamente limitadas a uma cidade. [...]

2. [...] Porém, o movimento no seu conjunto não se orienta unicamente no sentido de uma passagem do econômico ao político, mas orienta-se também no sentido inverso. Cada uma das grandes ações políticas de massas se transforma, após ter atingido o seu apogeu, numa multiplicidade de lutas econômicas. Isso não é somente válido para cada uma das grandes greves, também o é para a revolução no seu conjunto. Quando a luta política se estende, se clarifica e intensifica, não só a luta reivindicativa continua como se estende, se organiza e se intensifica paralelamente. Há uma completa interação entre ambas.

Cada novo arranque e cada nova vitória da luta política impulsionam poderosamente a luta econômica, alargando as suas possibilidades de ação exterior, e dão novas forças ao proletariado para melhorar a sua situação aumentando a sua combatividade. Cada vaga de ação política deixa atrás de si um terreno fértil, onde em breve surgem mil rebentos: as reivindicações econômicas. E, in-





versamente, a incessante guerra econômica que os operários travam com o capital mantém alerta a sua energia combativa, mesmo nas horas de calma política; de certo modo, constitui um reservatório permanente de energia, no qual a luta política busca sempre novas forças. Ao mesmo tempo, o infatigável trabalho de luta econômica do proletariado provoca, ora aqui ora ali, conflitos agudos a partir dos quais explodem bruscamente os conflitos políticos.

Em suma, a luta econômica apresenta uma continuidade, é o fio que une os diferentes nós políticos; a luta política é uma fecundação periódica que prepara o solo para as lutas econômicas. Causa e efeito sucedem-se, alternam-se incessantemente, e assim os fatores políticos e econômicos, longe de se distinguirem claramente ou de se excluírem reciprocamente como pretende o pretensioso esquema, constituem no período da greve de massas dois aspectos complementares da luta da classe proletária russa. É precisamente a greve de massas que dá forma à sua unidade. A sutil teoria diseca artificialmente, com a ajuda da lógica, a greve de massas para obter uma “greve política pura”: ora, uma tal dissecação – como todas as dissecações – não nos permite observar o fenômeno vivo, entrega-nos um cadáver.

3. Por fim, os acontecimentos da Rússia mostram-nos que a greve de massas é inseparável da revolução. A história da greve de massas na Rússia confunde-se com a história da revolução. Na verdade, quando os campeões do oportunismo ouvem falar da revolução na Alemanha, pensam imediatamente no sangue vertido, nas batalhas de rua, na pólvora e no chumbo, e daí deduzem com toda a lógica que a greve de massas conduz inevitavelmente à revolução, *logo* nós devemos evitá-la. E de fato constatamos na Rússia que quase todas as greves levam a um confronto sangrento com as forças da ordem tsarista; isso é verdade tanto para as chamadas greves políticas, quanto para os conflitos econômicos. Mas a revolução é outra coisa, é mais que um simples banho de sangue. Com exceção da polícia, que entende a revolução simplesmente





do ponto de vista das batalhas de rua e dos tumultos, quer dizer, do ponto de vista da “desordem”, o socialismo científico vê na revolução uma profunda transformação interna nas relações de classe. Dessa perspectiva há entre a revolução e a greve de massas na Rússia uma relação bem mais profunda que a estabelecida pela constatação trivial, ou seja, a de que a greve de massas termina, geralmente, em um banho de sangue. [...]

4. Basta resumir o que atrás dissemos, para descobrir a solução para o problema da direção consciente e da iniciativa da greve de massas. Se a greve de massas não representa um ato isolado, mas todo um período da luta de classes, e se esse período se confunde com o período revolucionário, é claro que não se pode desencadear arbitrariamente a greve de massas, mesmo se a decisão vier de instâncias supremas do mais poderoso partido socialista. Tanto não está ao alcance da social-democracia suscitar ou travar revoluções a seu bel-prazer, que o enorme entusiasmo e a enorme impaciência das hostes socialistas não conseguiram provocar um período de greve de massas que fosse um movimento popular poderoso e vivo. [...] Mesmo durante a revolução, as greves não caem do céu. É preciso que sejam feitas, de uma maneira ou de outra, pelos operários. A resolução e a decisão da classe operária desempenham também o seu papel, mas é necessário frisar que a iniciativa e a direção de ulteriores operações naturalmente dizem respeito ao setor mais esclarecido e mais bem organizado do proletariado, à social-democracia. Mas essa iniciativa e essa direção só se aplicam na execução de tal ou tal ação isolada, de tal ou tal greve de massas, logo que o período revolucionário esteja em curso, e mais frequentemente no interior de uma dada cidade. Já vimos, por exemplo, a social-democracia, mais de uma vez, dar expressamente, e com sucesso, a palavra de ordem para a realização de uma greve em Baku, Varsóvia, Lodz, S. Petersburgo. Tal iniciativa tem menos probabilidades de sucesso se for aplicada a movimentos gerais que englobem todo o proletariado. Por outro lado, a iniciativa e





a direção das operações têm os seus limites determinados. Justamente durante a revolução, é extremamente difícil a um organismo dirigente do movimento operário prever e calcular a ocasião e os fatores que provoquem ou não o levantamento. Tomar a iniciativa e a direção das operações, também aqui, não consiste em dar ordens arbitrariamente, mas sim em adaptar-se à situação o mais habilmente possível, mantendo o mais estreito contato com o moral das massas. O elemento espontâneo desempenha, como vimos, um enorme papel em todas as greves de massas na Rússia, quer como elemento motor, quer como freio. Esse fato não é motivado por a social-democracia russa ser ainda jovem e fraca, mas porque em cada ato particular da luta tomam parte uma infinidade de fatores econômicos, políticos e sociais, gerais e locais, materiais e psicológicos, de tal maneira que nenhum deles pode ser definido ou calculado como um exemplo aritmético. Mesmo se o proletariado, com a social-democracia à cabeça, desempenhar o papel dirigente, a revolução não é uma manobra do proletariado, mas uma batalha que se desenrola enquanto à sua volta desmoronam e se deslocam sem cessar todos os alicerces sociais. Se o elemento espontâneo desempenha um papel tão importante na greve de massas na Rússia, não é porque o proletariado russo seja “deseducado”, mas porque as revoluções não se aprendem na escola. [...]

Mas se a direção da greve de massas, no sentido de comandar seu desencadeamento e de avaliar e cobrir seus custos, cabe ao período revolucionário, em outro sentido, totalmente diferente, a direção das greves de massas cabe à social-democracia e aos seus órgãos diretivos. Em vez de quebrar a cabeça com o lado técnico, com o mecanismo da greve de massas, a social-democracia é chamada, também em pleno período revolucionário, a tomar a sua direção *política*. A tarefa mais importante de “direção” no período de greve de massas consiste em dar a palavra de ordem da luta, em orientá-la, em dirigir a *tática* da luta política de tal modo que, em cada fase e em cada instante do combate, seja realizada e posta





em ação a totalidade do poder do proletariado, já comprometido e lançado na batalha, e que esse poder se exprima pela posição do partido na luta; é preciso que a tática da social-democracia, no tocante à sua energia e rigor, jamais se encontre *aquém* do nível da correlação de forças real, mas que, ao contrário, ultrapasse esse nível; essa é a mais importante tarefa da “direção” no período das greves de massa. E assim a direção política transformar-se-á automaticamente em certa medida numa direção técnica. Uma tática socialista consequente, resoluto, avançada, provoca na massa um sentimento de segurança, de confiança, de combatividade; uma tática hesitante, fraca, alicerçada na subestimação das forças do proletariado, paralisa e desorienta as massas. No primeiro caso, as greves de massas explodem “espontaneamente” e sempre “oportunamente”; no segundo caso, é em vão que a direção do partido chama diretamente à greve. A revolução russa oferece-nos exemplos sugestivos de ambos os casos. [...]

6

Segundo essa perspectiva, o problema da organização nas suas relações com o problema da greve de massas na Alemanha adquire uma fisionomia totalmente diferente. [...]

A concepção rígida e mecânica da burocracia só admite a luta como resultado da organização que atinja um certo grau de força. Ao contrário, a evolução dialética, viva, faz nascer a organização como produto da luta. Vimos já um exemplo magnífico desse fenômeno na Rússia, onde um proletariado quase desorganizado começou a criar uma vasta rede de organizações depois de um ano e meio de lutas revolucionárias tumultuosas. [...]

O plano que consistiria em desencadear uma importante greve de massas a título de ação política de classe com a exclusiva ajuda dos operários organizados é absolutamente ilusório. Para que a greve, ou melhor, as greves de massas, a luta de massas seja coroada de êxito, elas têm de transformar-se num verdadeiro *mo-*





vimento popular, quer dizer, têm de arrastar para a batalha as mais largas camadas do proletariado. Mesmo no plano parlamentar, o poder da luta das classes proletárias não se apoia num pequeno núcleo organizado, mas sim na vasta periferia do proletariado com simpatias revolucionárias. Se a social-democracia quisesse conduzir a batalha eleitoral com o exclusivo apoio de algumas centenas de milhares de organizados, condenar-se-ia a si mesma ao aniquilamento. E ainda que a social-democracia deseje acolher nas suas organizações quase todo o contingente dos seus eleitores, a experiência de 30 anos mostra que o eleitorado socialista não aumenta em função do crescimento do partido mas, ao contrário, são as camadas operárias recentemente conquistadas no curso da batalha eleitoral que constituem o terreno que em seguida será fecundado pela organização. Também aqui não é só a organização que fornece as tropas combatentes, mas também é a batalha que fornece, numa maior escala, recrutados para a organização. Isso é, evidentemente, muito mais válido para a ação política direta de massas que para a luta parlamentar. Ainda que a social-democracia, núcleo organizado da classe operária, esteja na vanguarda de toda a massa de trabalhadores e o movimento operário busque a sua força, a sua unidade e consciência política nessa mesma organização, o movimento operário nunca deve ser concebido como movimento de uma minoria organizada. Toda verdadeira grande luta de classes deve alicerçar-se no apoio e na colaboração das mais largas massas; uma estratégia de luta de classes que não contasse com essa colaboração, e não visse mais que os desfiles bem ordenados da pequena parte do proletariado arregimentada nas suas fileiras, estaria condenada a uma lamentável derrota.

Na Alemanha as greves de massas, as lutas políticas de massas não podem ser conduzidas unicamente pelos militantes organizados, nem podem ser comandadas por uma “direção” saída do comitê central do partido. Nesse caso, como na Rússia, há menos necessidade de “disciplina”, de “educação”, de uma avaliação tão





precisa quanto possível das despesas e subsídios do que de uma ação de classe resoluta e verdadeiramente revolucionária, capaz de atingir e arrastar as camadas mais extensas das massas proletárias desorganizadas, mas revolucionárias por sua disposição e condição.

A superestimação e a falsa apreciação do papel organizativo do proletariado na luta de classes está ligada geralmente a uma subestimação da massa proletária desorganizada e da sua maturidade política. Só num período revolucionário, na efervescência das grandes lutas de classes tempestuosas se manifesta o papel educador da rápida evolução do capitalismo e da influência socialista nas grandes camadas populares; em tempo normal, as estatísticas das organizações, ou até as estatísticas eleitorais, não dão mais que uma pálida ideia dessa influência. [...]

No operário alemão esclarecido, a consciência de classe incutida pela social-democracia é uma consciência *teórica, latente*: no período do domínio parlamentar burguês, geralmente não tem ocasião de se manifestar por uma ação direta de massas; é o resultado ideal das 400 ações paralelas das circunscrições durante a luta eleitoral, dos numerosos conflitos econômicos parciais etc. Na revolução, em que a própria massa aparece na cena política, a consciência de classe torna-se *prática, ativa*. Assim, um ano de revolução deu ao proletariado russo essa “educação” que 30 anos de lutas parlamentares e sindicais não podem artificialmente dar ao proletariado alemão. Por certo, esse vivo e ativo instinto de classe que anima o proletariado decrescerá sensivelmente, mesmo na Rússia, uma vez acabado o período revolucionário e uma vez instituído o regime parlamentar legal burguês, ou pelo menos transformar-se-á numa consciência oculta, latente. [...] Seis meses de revolução contribuirão mais para a educação dessas massas atualmente desorganizadas do que dez anos de comícios públicos e de distribuição de panfletos. E quando a situação na Alemanha tiver atingido o grau de maturidade necessário a um tal período, as categorias hoje mais atrasadas e mais desorganizadas constituirão,





naturalmente, o elemento mais radical, mais impetuoso e mais ativo da luta. Se se produzirem greves de massas na Alemanha é quase certo que não serão os trabalhadores mais organizados – certamente não serão os gráficos – mas os operários menos organizados ou completamente desorganizados, como os mineiros, os operários têxteis, ou talvez os camponeses, que desenvolverão maior capacidade de ação. [...]

A social-democracia é a vanguarda mais esclarecida e mais consciente do proletariado. Ela não pode nem deve esperar com fatalismo, de braços cruzados, que se produza uma “situação revolucionária”, nem que o movimento popular espontâneo caia do céu. Ao contrário, tem o dever como sempre de *preceder* o curso dos acontecimentos, de procurar *precipitá-los*. Não o conseguirá, se entregar a “palavra de ordem” de greve ao acaso de qualquer momento, oportuno ou não, mas deve fazer com que as camadas mais largas do proletariado compreendam que a *chegada* de um tal período revolucionário é inevitável, explicando-lhes as *condições sociais* internas que a isso conduzem, assim como as suas *consequências políticas*. Para arrastar as camadas mais largas do proletariado a uma ação política da social-democracia e, inversamente, para que a social-democracia possa assumir e manter a direção efetiva do movimento de massas, para que domine todo o movimento no *sentido político* do termo, precisa saber fornecer com toda clareza, coerência e resolução a *tática* e os *objetivos* ao proletariado alemão para o período das lutas futuras.

7

Vimos que na Rússia a greve de massas não é o produto artificial de uma tática imposta pela social-democracia; é antes um fenômeno histórico natural gerado no solo da atual revolução. Ora, quais são os fatores que provocaram a nova forma em que se produziu a revolução? [...]

[Na Rússia] A burguesia não é hoje seu [da revolução] elemento motor, como acontecia outrora nas revoluções ocidentais,





enquanto a massa proletária, afogada no seio da pequena burguesia, servia como massa de manobra da burguesia; ao contrário, é o proletariado consciente que constitui o elemento ativo e dirigente, enquanto as camadas da grande burguesia se mostram ou abertamente contrarrevolucionárias ou moderadamente liberais; só a pequena burguesia rural e a *intelligentsia* pequeno-burguesa das cidades adotam uma atitude francamente opositora e até revolucionária. Mas o proletariado russo, chamado assim a desempenhar um papel dirigente na revolução burguesa, envolve-se na luta no momento em que perdeu as ilusões na democracia burguesa e em que a oposição entre capital e trabalho está fortemente acentuada; em contrapartida, possui uma aguda consciência dos seus interesses específicos de classe. Essa situação contraditória manifesta-se, porque nessa revolução formalmente burguesa o conflito entre a sociedade burguesa e o absolutismo é dominado pelo conflito entre o proletariado e a sociedade burguesa; porque o proletariado luta simultaneamente contra o absolutismo e a exploração capitalista; porque a luta revolucionária tem ao mesmo tempo por objetivo a liberdade política e a conquista do dia de trabalho de 8h., assim como uma existência material humanamente digna para o proletariado. Esse duplo caráter da revolução russa se manifesta na união e na interação estreitas entre a luta econômica e a luta política que os acontecimentos da Rússia nos deram a conhecer e que se exprimem precisamente na greve de massas.

Nas anteriores revoluções burguesas foram os partidos burgueses que se encarregaram da educação política e da direção da massa revolucionária, e, por outro lado, tratava-se pura e simplesmente de derrubar o antigo governo; então o combate de barricadas, de curta duração, era a forma mais apropriada de luta revolucionária. Hoje, quando a classe operária é obrigada a esclarecer-se, a unir-se e a orientar-se a si mesma no decorrer da luta e quando a revolução é dirigida tanto contra a exploração capitalista como contra o antigo poder de Estado, a greve de massas aparece como





o meio natural de recrutar, revolucionar e organizar as mais amplas camadas proletárias no momento da ação, sendo ao mesmo tempo um meio de minar e derrubar o antigo Estado e de conter a exploração capitalista. O proletariado industrial urbano é hoje a alma da revolução na Rússia. Mas, para empreender uma ação política de massas, é preciso primeiro que o proletariado se una em massa; para isso, é preciso que saia das fábricas e das oficinas, das minas e dos altos fornos, e ultrapasse a dispersão e a fragmentação a que o jugo capitalista o condena. Desse modo, a greve de massas é a primeira forma natural e espontânea de qualquer grandiosa ação revolucionária do proletariado; quanto mais a indústria se transformar na forma predominante de economia numa sociedade, tanto mais o proletariado desempenha um papel importante na revolução, tanto mais a oposição entre trabalho e capital se aguça e tanto mais as greves de massas necessariamente adquirem amplitude e importância. O que era antes a principal forma da revolução burguesa, o combate nas barricadas, o confronto direto com as forças armadas do Estado, só constitui na revolução atual o ponto culminante, um momento de todo o processo da luta de massas proletária.

Assim, a nova forma da revolução permitiu alcançar o estágio “civilizado” e “atenuado” das lutas de classe profetizado pelos oportunistas da social-democracia alemã, os Bernstein, os David e consortes. Na verdade, eles imaginavam essa luta de classes atenuada, civilizada, segundo suas ilusões pequeno-burguesas e democráticas, pensavam que a luta de classes se limitava exclusivamente à batalha parlamentar e que a revolução, no sentido de combate de ruas, seria simplesmente abolida. A história solucionou o problema a seu modo, que é ao mesmo tempo mais profundo e mais sutil: fez surgir a greve de massas revolucionária que, evidentemente, não substitui nem torna supérfluos confrontos diretos e brutais na rua, mas os reduz a um momento do longo período de lutas políticas e, ao mesmo tempo, liga a revolução a um gigan-





tesco trabalho civilizador no sentido preciso do termo: a elevação material e intelectual de toda a classe operária, “civilizando” as formas bárbaras de exploração capitalista.

A greve de massas aparece assim não como um produto específico do absolutismo russo, mas como uma forma universal de luta das classes proletárias, determinada pelo estágio atual do desenvolvimento capitalista e da correlação de classes. As três revoluções burguesas, a grande Revolução Francesa em 1789, a revolução alemã em 1848 e a atual revolução russa constituem, segundo esse ponto de vista, uma cadeia de evolução contínua: refletem a grandeza e a decadência do século capitalista. Na grande Revolução Francesa, os conflitos internos ainda latentes da sociedade burguesa dão lugar a um longo período de lutas brutais em que as oposições, rapidamente germinadas e amadurecidas no calor da revolução, rebentam com uma violência extrema e sem qualquer freio. Meio século mais tarde, a revolução da burguesia alemã, explodindo na metade do caminho do desenvolvimento capitalista, é interrompida pela oposição dos interesses e pelo equilíbrio das forças entre capital e trabalho, abafada por um compromisso entre o feudalismo e a burguesia, reduzida a um breve e lastimoso episódio rapidamente amordaçado. Mais meio século e a revolução russa atual explode num ponto do caminho histórico situado já na outra vertente da montanha, passado o apogeu da sociedade capitalista: a revolução burguesa já não pode ser sufocada pela oposição entre a burguesia e o proletariado e, ao contrário, estende-se por um longo período de conflitos sociais violentos que fazem parecer irrisórios os velhos ajustes de contas com o absolutismo, quando comparados aos novos exigidos pela revolução. A revolução realiza hoje, no caso particular da Rússia absolutista, os resultados do desenvolvimento capitalista internacional; aparece-nos menos como herdeira das velhas revoluções do que como precursora de uma nova série de revoluções proletárias no Ocidente. O país mais atrasado, precisamente porque agiu com um atraso imperdoável a levar a cabo a





sua revolução burguesa, mostra ao proletariado da Alemanha e dos países capitalistas mais avançados as vias e os métodos da futura luta de classes. [...]

